

Emergência, desenvolvimento e desafios da psicologia positiva: Da experiência subjetiva à mudança social

*Emergency, development and
challenges of positive psychology:
From subjective experience to social
change*

**Helena Águeda Marujo, Luís Miguel Neto, Leonor
Segurado de Falé Balancho**

Resumo

A Psicologia Positiva tem atraído um extenso grupo internacional de investigadores que pretendem unificar numa subdisciplina os estudos sobre o lado solar da experiência humana. Interessados em complementar a psicologia comumente focada no disfuncional ou no normativo com as condições e fatores promotores de excelência, tem contribuído com conhecimentos teóricos e empíricos para uma sociedade ávida de instrumentos facilitadores de vidas virtuosas e que valham a pena. Este artigo propõe uma reflexão crítica, histórica e conceptual sobre o passado, a atualidade e os desafios de futuro colocados à psicologia positiva cerca de década e meia após a sua emergência, e aponta para a necessidade de a orientar cada vez mais para estudos com horizontes sociais, económicos e culturais que transcendam a felicidade individual hedónica e uma visão ocidentalizada e anglo-saxónica da vida boa, e que permitam complementar o foco na experiência subjetiva com o da transformação social.

Palavras-chave

Psicologia positiva; mudança social; felicidade pública.

Abstract

Positive Psychology has attracted a large international group of researchers seeking to unify in a sub discipline diverse isolated studies on the solar side of the human experience. Interested in complementing the traditional psychology commonly focused on dysfunctional or normative behavior with

**Helena Águeda
Marujo**
Universidade de Lisboa

Professora do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Doutora em Psicologia pela Universidade de Lisboa. Membro do Board of Directors da International Positive Psychology Association. Representante Português na Rede Ibero-Americana de Psicologia Positiva. Membro da Comissão Científica da Associação Portuguesa de Estudos e Intervenção em Psicologia Positiva.

hmarujo@iscsp.utl.pt

Luís Miguel Neto
Universidade de Lisboa

Professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Doutor em Educação, especialidade de Terapia familiar, pela Universidade de Massachusetts, USA. Membro do Board of Directors da International Positive Psychology Association. Membro da Comissão Científica

the conditions and factors that promote lives of excellence, these scientists have been contributing with theoretical and empirical knowledge for a society hungry of instruments that facilitate virtuous and worthwhile lives. This article proposes a critical, historical and conceptual reflection on the past, the present, and the future challenges of positive psychology, one and a half decades after its emergence, and points to the need to increasingly steer studies on social, economical and cultural horizons, that transcend individual hedonic happiness, and a traditional western and Anglo-Saxon view of the good life, complementing the focus on subjective experience, with an investment in social change.

Keywords

Positive psychology; social change, public felicitas.

da Associação Portuguesa de Estudos e Intervenção em Psicologia Positiva.

lneto@iscsp.ulisboa.pt

Leonor Segurado de Falé Balancho
Universidade Lusíada de Lisboa

Professora da Universidade Lusíada de Lisboa e Mestre em Educação e Doutoranda em Psicologia.

leonorbalancho@gmail.com

Estamos na fronteira de uma nova era histórica. E os primeiros a compreender a natureza desta importante mudança poderão ser capazes de empreender caminhos que outros acharão mais difíceis, e de obter vantagens que eventualmente lhes permitirão converter-se em pioneiros e líderes nos seus respectivos campos (ECHEVERRIA, 1998, p. 14).

Introdução

Os vários fundadores da subdisciplina hoje conhecida como Psicologia Positiva (doravante PP) (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALY, 2000), e de outros modelos focados no que funciona nos sistemas humanos, como o Inquérito Appreciativo (COOPERRIDER, 2006; COOPERRIDER; WHITNEY, 2005) e a Abordagem Centrada nas Soluções (DE SHAZER, 1991; 1994), terão considerado que urgiam mudanças para construir uma nova e mais equilibrada era nas ciências sociais e humanas. Provavelmente anteviram que conseguiriam tornar-se pioneiros através da proposta num maior, mais determinado e mais claro enfoque da investigação psicológica em temas e processos afirmativos e construtivos e que, ao fazê-lo, conseguiriam harmonizar mais a psicologia em termos de foco. Talvez tenham até antecipado que as suas ideias se espalhariam a outros domínios científicos e se transformariam em alvos de acesos debates teóricos, metodológicos, filosóficos e de larga escala mediática, económica e política.

São os investigadores e teóricos visionários, arrojados, comprometidos, portadores de força emocional e com honestidade intelectual, transcendendo o cru empirismo que, ao promover convites para mudanças refletidas, e ao se disporem a críticas consequentes, mais fazem avançar a roda de ciências e de vidas livres e dignas, com maior humanismo e mais liberdade, e que aspirem sempre a melhorar.

Nas ciências sociais e humanas, a busca da compreensão do ser humano e da sua relação com o contexto envolvente, e a consequente construção de práticas psicológicas e sociais adequadas e éticas, tem-se feito através do constante alargar e transformar das nossas categorias e modelos mentais, tanto quanto do colocar de novas perguntas e da edificação de novos métodos para lhes responder; tem dependido, em particular, da maneira crítica e evolutiva como nos pensamos e como conjeturamos a complexidade do mundo estudado pelas chamadas *soft sciences*, e como abordamos uma realidade maiúscula, encarnada na vida efetiva das pessoas e não estereotipada nem asséptica.

A construção da ciência baseia-se assim essencialmente nessa constante adaptação e desenvolvimento, oxigenada e não servil – próximo daquilo a que Maslow (1979, p. 113) chamava uma “ciência de crescimento”, em detrimento de uma “ciência de segurança” – na esperança de que o edifício teórico e os dados empíricos possam ter impacto no agora e no futuro, ao serem fecundos de novos entendimentos e de originais mapas de leitura e possibilidades sobre a existência, e suficientemente abertos a erros anteriores e a “novas versões da realidade”, tanto quanto ao honrar dos gigantes antecessores (MARUJO; NETO, 2013, p. XV).

A PP tem sido, a nosso ver, uma das impulsionadoras recentes de alguns dos mais ricos debates sobre o que são vidas, sociedades e culturas de qualidade e facilitadoras de virtuosidade (CSIKSZENTMIHALY, 2011; CSIKSZENTMIHALY; CSIKSZENTMIHALY, 2006; CSIKSZENTMIHALY; NAKAMURA, 2011; MARKS, 2009; MARUJO; NETO, 2013; NETO; MARUJO, 2011), produzindo investigação vital e vitalizadora, destinada a melhorar a vida dos cidadãos, em áreas tão diversas quanto o bem-estar subjetivo e

psicológico, a felicidade e o florescimento, o *fluir*, as emoções positivas (como a gratidão, a esperança, o otimismo, o sentido de humor, o amor), ou experiências relacionais potencialmente construtivas como o altruísmo, a amizade, o perdão, a reciprocidade, entre tantas outras.

A PP tem mostrado ser, e pode ser cada vez mais, uma ciência simultaneamente descritiva e dedutiva, tanto quanto indutiva, útil e impactante em termos sociais; tem levantado questões sobre as coreografias das vidas felizes e harmoniosas, sem negligenciar as maiores inquietudes humanas, como mostram os estudos sobre resiliência, crescimento pós-traumático, envelhecimento positivo, ou bem-estar psicológico; tem ajudado a construir um conjunto de dados e concepções sobre experiência subjetiva positiva numa perspectiva individual, ao mesmo tempo que agora se alarga para horizontes sociais, culturais, comunitários, coletivos, nacionais, de políticas públicas (BISWAS-DIENER, 2010; BISWAS-DIENER, DIENER, 2001; LINLEY; JOSEPH; HARRINGTON; WOOD, 2006; JOSEPH; LINLEY, 2008; LINLEY; DELLE FAVE, 2007; DELLE FAVE; MASSIMINI; BASSI, 2011; MARUJO; NETO, 2013; VEENHOVEN, 2011; 2012a; 2012b); tem sido interventiva e promotora de mudanças práticas, tanto quanto reflexiva e profunda nas concepções teóricas e meta-teóricas.

Há muito a fazer, claro. Mas muito foi já feito, neste caminho infindável da construção do conhecimento científico, palmilhado em direção à emancipação humana.

Na história recente da PP está marcada interna e externamente por inúmeras tensões e erosões (HART; SASSO, 2011; HUTA, RYAN, 2010; KING, 2011; RYAN; HUTA, 2009; SUGARMAN, 2007; TAMIR; GROSS, 2011). Nessas tensões estão visíveis os desafios atuais desta área científica, os quais moldam também as escolhas para o seu futuro.

É por isso objetivo deste artigo trazer uma reflexão e abrir um debate sobre os temas mais convidativos a uma reflexão sobre o domínio da PP, e em especial sobre os temas mais opulentos e sobre os que provocam mais ambivalências e atritos. Fazemo-lo através de uma viagem pela emergência, desenvolvimentos atuais e cenários prospectivos face ao estudo do positivo. Defenderemos a riqueza que a caracteriza ao ser, em nosso entender, um subdomínio da ciência psicológica que tem o potencial de incorporar e incluir, de forma coordenada, sem pudores e em dialética, uma miríade de olhares e experiências, em particular duas tendências que por vezes têm faltado à psicologia *mainstream*: (1) o da investigação e teorização fundamental, *junto* com o da prática social transformadora; e (2) o do que nos eleva, fortalece, e dá sentido à existência *junto* com o que nos abate e devasta, desequilibra e fragiliza.

Aperfeiçoar este caminho integrador permitir-lhe-á avançar e transcender-se, nomeadamente construindo conhecimento em domínios sociais urgentes, a que a PP não pode continuar alheia, como a relevância efetiva e a prática das relações interpessoais harmoniosas, a qualidade da democracia, as condições de paz, a equidade e justiça social, ou as emoções públicas e a virtuosidade coletiva.

Honrando a história das ideias em Psicologia Positiva

Sobre a especificidade e valor do estudo do positivo

Existe um consenso generalizado de que a psicologia positiva é um (sub)domínio impetuoso e vibrante (LINLEY; JOSEPH; HARRINGTON; WOOD, 2006; WONG, 2012). Historicamente, os promotores deste processo científico chamaram-lhe inicialmente movimento (SELIGMAN; CSIKSZENMIHALYI, 2000). Nove anos depois, Felícia Huppert (HUPPERT;

SO, 2009) descreve-o como um novo paradigma, não no sentido que lhe dá Thomas Kuhn (1991), mas considerando-o claramente como um novo foco científico, com as implicações subsequentes ao fato de se estudarem outros e diferentes horizontes temáticos. Mais recentemente, Wissing (2013) elenca as várias nomenclaturas e caracterizações a que tem sido submetida a PP na última década, numa lista diversificada, bem longe da unanimidade (subdisciplina, paradigma, movimento, domínio, área...).

Independentemente da classificação, em termos definidores, lembramos as palavras matriciais de Martin Seligman e de Mihaly Csikszentmihalyi (2000, p. 5): “Acreditamos que uma psicologia do funcionamento humano positivo irá emergir, e que atingirá um conhecimento científico e intervenções eficazes para construir indivíduos, famílias e comunidades prósperas”.

Uma década e meia depois da consequente criação de laboratórios de investigação especializados nas várias formas de florescimento humano, nalguns casos com bolsas de investigação de valores muito avultados; de cadeiras e programas de estudo graduado e pós-graduado em PP em universidades espalhadas um pouco por todo o mundo; de revistas científicas próprias; associações mundiais, europeias, ibero-americanas, nacionais de PP; congressos nacionais, regionais, europeus e mundiais; e uma infindável lista de livros e de artigos científicos e coleções temáticas, a um ritmo de publicação (quase) impossível de acompanhar, a PP tem simultaneamente crescido de forma inimaginável e passado por alguns debates tumultuosos e radares críticos (VÁZQUEZ, 2013).

As tendências atuais são disso marca, e relevam posicionamentos não universais. Uma delas é sobre a justificação ou não da continuidade de um domínio científico autodenominado de positivo. Tem vindo também a crescer o número de vozes dentro da PP que apontam para a sua integração e dissolução no *mainstream* da psicologia, sugerindo que após mais de uma década de chamada de atenção sobre o enviesamento anterior deste ramo da ciência - com o característico e historicamente justificado enfoque secular no estudo dos problemas e disfunções humanas para os compreender e tratar - a PP cumpriu a sua função, e deverá deixar de ser um domínio diferenciado (BONIWELL, 2012; LYUBOMIRSKY, 2012; STEGER, 2012; SOLANO, 2010). Ainda assim, alguns destes proponentes defendem que, apesar da dissolução, a PP se deve manter como um subcampo distintivo, pela especificidade e volume que ganhou; outros consideram que deve simplesmente dissolver-se e voltar ao ponto onde se encontrava antes da emergência deste movimento: a uma psicologia única, sem positivos nem negativos anexados (BONIWELL, 2012).

Há pelo contrário outras vozes internas que defendem que o futuro da PP deverá ser continuar a crescer e otimizar os estudos nesta área, continuando um movimento, cada vez mais alargado, dedicado a uma ciência social e humana positiva (SELIGMAN, 2011; PAWELSKI; MOORES, 2013; NETO; MARUJO, 2013). Estes investigadores consideram que o paradigma do estudo do positivo já saltou as fronteiras da psicologia e alastrou a outros domínios científicos, escapando ao controlo dos psicólogos. É o caso da economia, filosofia, educação, medicina, saúde ou sociologia. Há por isso hoje estudos e publicações em economia da felicidade, educação positiva, saúde positiva e sociologia positiva (SELIGMAN, 2011), e o retorno em força de uma filosofia dedicada ao lado *eudaimónico* da existência (PAWELSKI; MOORES, 2013).

É interessante a este propósito referir que muitos dos cursos pós-graduados em PP espalhados pelo mundo têm na sua maioria como alunos, não pessoas formadas em psicologia, mas especialistas noutras áreas - economia, gestão, história, educação física, sociologia, marketing, direito, filosofia, engenharia, serviço social, arquitetura... - pelo que, a nosso ver, o desafio futuro na PP será a coordenação da heterogeneidade e a

consequente interindependência, ou seja, organizar formas de manter a sua identidade, sem perder a sua particularidade e raízes históricas, teóricas e meta-teóricas, nem a perspectiva ontológica consequente sobre o ser humano, enquanto coopera paralela e ativamente com outros domínios e disciplinas, num hibridismo conceptual que transcenda o habitual carácter separador e atomizador (CSIKSZENMIHALYI, 2011).

Reconquistar a riqueza desta ponte levar-nos-á seguramente mais longe e mais depressa a respostas sobre questões humanas vitais.

Na construção da identidade são importantes as origens. Também elas têm sido discutidas no seio do movimento, e são alvo de desacordo. Há quem considere que a psicologia positiva é uma ideia nova contracorrente, no colo da psicologia geral, e quem pondere que ela é uma continuação renovada, ainda que crítica e mais empírica, do trabalho de humanistas como Maslow e Rogers (LINLEY; JOSEPH, HARRINGTON; WOOD, 2006). Nesta última visão, qualquer consideração de inovação é qualificada como descabida, e não honra a história nem as especificidades geográficas. Por exemplo, desde finais dos anos noventa que na África do Sul se lançou uma subdisciplina da psicologia, chamada *Fortologia* Psicológica (*psychofortology*), ou ciência das forças psicológicas (WISSING, 2013), e desde essa mesma época que em Portugal se publicava sobre temas positivos como o optimismo, integrando já nessa altura o seu estudo com modelos teóricos como o inquérito apreciativo, tal como transparece no livro *Educar para o Optimismo* (NETO; MARUJO; PERLOIRO, 1999). Há finalmente quem considere que não houve propriamente a introdução de mudanças em modelos e processos, mas que a PP trouxe pelo menos novas e criativas perspectivas (WISSING, 2013).

Sobre a necessidade de uma teoria unificadora

Uma outra tendência atual na PP é a da necessidade de alinhamento de pressupostos meta-teóricos e postulados conceptuais com os processos de investigação. Se inicialmente a psicologia se focou sobretudo em aspetos empíricos, os avanços conseguidos nos estudos sobre tópicos positivos, e a rapidez com que alastraram e se transformaram em aplicações *mainstream* – adotadas por inúmeros domínios de aplicação, desde o mundo empresarial à psicoterapia, da saúde à educação, dos *media* ao cinema – impõem agora uma paragem e uma reflexão epistemológica (HUPPERT; BAYLIS; KEVERNE, 2005; LAZARUS, 2003).

A urgência da criação de modelos teóricos e meta-teóricos abrangentes, e de teorias mais sistémicas e inclusivas, a par da explicitação dos valores subjacentes às mesmas, é defendido por vários dos autores principais no domínio (DELLE FAVE, 2007; DELLE FAVE; BASSI, 2009). Nesta busca, e apenas como referência, vejam-se os trabalhos de SHELDON (2011) sobre a teoria multinível; o modelo hierárquico de Wissing e Temane (WISSING; POTGIETER; TEMANE; OOSTHUIZEN; NIENABER, 2008); o modelo da autodeterminação de Ryan e Deci (2000, 2001); o modelo ecológico de Ungar (2012); o modelo de sistemas dinâmicos de Witherington (WITHERINGTON; MARGETT, 2011); o modelo de psicologia comunitária positiva (NETO; MARUJO, 2013).

Neste sentido, a questão que se coloca é se estaremos preparados, dentro da psicologia positiva, para fazer uma plena integração da multiplicidade de tópicos e dados empíricos numa teoria alargada e holística, que ajude a explicar e enquadrar com pertinência e sentido muito do que já sabemos no que toca ao funcionamento humano de excelência, ou se deveremos antes manter a variedade dos constructos em análise, aprofundando cada um de forma explícita e não dúbia (WISSING, 2012).

Um dos domínios em que a PP pode trazer riqueza teórica é precisamente aos próprios modelos ontológicos e às concepções sobre o bem, o bom ou o ético. Uma das formas de o fazer é introduzindo um potencial hibridismo com a filosofia - da qual o resto da psicologia fugiu durante décadas, renegando de novo a própria história e, no caso da PP, por receio a contaminações que limitassem ou manchassem a objetividade e o positivismo que se impunha no estudo “arriscado” de temas associados à *new age* - que poderá ajudar a discernir com mais potencial o que é hoje uma vida boa em sociedade. Pressupõe-se que os níveis psicológicos e filosóficos estivessem demasiado e perigosamente intrincados, e que isso faria correr riscos de tornar a PP numa ideologia estritamente positiva sobre o ser humano (SHELDON, 2011).

Podemos encontrar quatro possíveis justificações para esta tendência de busca de uma “super teoria”: a primeira é a necessidade de dar unidade a um movimento atualmente disperso, fragmentado, com uma imensa multiplicidade de temas; a segunda é a de ajudar a clarificar e coordenar nomenclaturas sem concordância usadas com diferentes sentidos (e.g. eudaimonia, felicidade...); a terceira é assegurar uma resposta coerente a uma das maiores críticas feitas à psicologia positiva: a da preocupação com o peso considerado excessivo com aspetos prescritivos, em detrimento da mais segura e tradicional descrição de comportamentos, experiências e atitudes, e os riscos inerentes, inclusivamente éticos, nas propostas de aplicação e mudança individual que não sejam rigorosamente fundamentadas; a quarta é a da busca da compreensão holística e explícita dos valores que subjazem ao domínio.

É interessante notar que nenhum destes critérios parece estar presente no resto da psicologia, por isso torna-se mais curioso perceber porque é que os autores dentro da PP sentem uma necessidade visível em coordenar tudo o que se passa dentro do seu subdomínio. Será que ao se sentirem atacados, consideram que investir no nível de abstração superior - teorizar sobre as teorias - os torna mais fortalecidos? Ou será a urgência de, pelo contrário, e perante a progressão tão acelerada desta ciência, entender bem e dar sentido às suas raízes e perspectivas valorativas antes de avançar mais?

Sobre os valores

A temática dos valores é para os autores deste texto especialmente relevante (NETO; MARUJO 2013). Com efeito, estamos em crer que a PP veio trazer uma profunda revisão e análise sobre o papel dos valores na psicologia (CSIKSZENMIHALYI, 2011; NETO; MARUJO, 2013), colocando em debate a suposta e clássica visão de neutralidade da investigação, ou de superficial leitura ontológica sobre a humanidade. Discordando liminarmente dessa neutralidade (quando escolho estudar alunos universitários ou pessoas que vivem em condições de pobreza, estarei a ser neutro? Quando decido investigar a violência doméstica ou a gratidão, estarei a ser isento de valores? Quando opto por entrevistas ao vivo ou por um questionário on line, estou a ser imparcial?), e defendendo um paradigma de construcionismo social, os autores deste texto consideram uma bênção para a psicologia “business as usual” (PETERSON, 2013) que se tenha trazido para o centro da discussão a necessidade de clareza, alinhamento e equilíbrio nos valores defendidos pelas escolhas epistemológicas, teóricas, metodológicas e de aplicação. Se mais não fosse, já teria valido a pena a emergência da PP no seio das ciências sociais e humanas, para retomar um debate essencial, circunscrito a áreas como a psicologia comunitária.

Ter consciência dos valores que guiam as nossas áreas de investigação e teorização é crucial. Os nossos valores enquanto investigadores, ligados

em boa medida aos nossos valores pessoais, moldam as nossas prioridades, as nossas agendas, as nossas escolhas – sejam valores sobre as prioridades da investigação em si, sobre mudança individual ou social, sobre rigor científico, relações... Explícita ou implicitamente, o que fazemos enquanto investigadores promove as metas e objetivos de determinado grupo de interesses, teórico, metodológico, profissional....

Aqui se entendem os valores como ideais profundamente enraizados sobre o bom, o certo, o belo, o moral e o ético. A sua presença nas nossas práticas introduz intensidade e relevância e o facto de serem construídos socialmente e desenvolvidos com base na experiência vivida com outros, torna mais claro perceber como se apreendem e aprendem. Com estas características, é fácil perceber como eles podem implicar conflitos ou hierarquias valorativas, e levar a práticas mais reflexivas.

O objetivo de tornar conscientes e explícitos os valores é assim útil pois permite clarificar as escolhas para a ação e para a investigação. A definição teórica de um problema de investigação reflete a visão do mundo e é moldada por valores, a qual interferirá com as escolhas subsequentes. Questionar as visões dominantes passa assim a ser mais visível e mais comum, enriquecendo, em nosso entender, a forma de investigar e teorizar o mundo. Inevitavelmente, os interesses e as relações de poder interferem com as escolhas dos académicos, e estas suportam-se em valores. Uma das impressionantes implicações desta questão na PP é a de que é mais natural e linear aos investigadores nesta área “walk the talk”, ou seja, alinhar as suas visões do mundo e as suas práticas de vida com o que estudam através da PP, o que dá mais coerência ao domínio.

Sobre a integração do positivo e do negativo

São bem mais as vozes que se levantam na defesa de uma integração entre o positivo e o negativo, considerados inextricavelmente ligados, ou um retorno a uma psicologia unificadora (SHELDON; KASHDAN; STEGER, 2011). Há também vozes, a nosso ver mais visionárias, que defendem que a PP abriu caminho para uma nova síntese que resultará num domínio novo ainda não construído (PAWELSKI; PRILLENTELSKI, 2005).

Alguns dos autores que defendem que a PP já cumpriu o seu objetivo – reequilibrar uma psicologia enviesada, centrada quase exclusivamente no patológico e remediativo – advogam um retorno ao ponto de partida, agora mais enriquecido com a lembrança de que há mais na vida do que o disfuncional ou o normativo, essa linha de base do funcionamento “normal”. Finalmente, há quem considere que a PP deve continuar exatamente como está, advogando a continuidade de um ramo da psicologia que atenda mais particularmente ao bom, ao admirável, ao extraordinário, ao virtuoso, ao inspirador (FREDRICKSON, 2004, 2009; FREDRICKSON; KURTZ, 2011).

Ainda que amplamente discutida, esta última opção foi precisamente aquela que deu lugar ao campo em análise. Foi o reconhecimento de uma opção histórica clara e enviesada pelo entendimento e remediação do sofrimento humano – deixando de lado a necessidade e interesse em estudar em simultâneo o melhor das pessoas - que fez nascer a PP. É por isso de alguma forma estranho que se debata se a PP deve estudar o positivo, pois essa é a sua identidade própria, o seu selo diferenciador. Quem discute esta questão, aborda muitas vezes como proposta a reunião do domínio do positivo e do negativo da vida, defendendo a inevitabilidade da sua conexão. De acordo com isto, não podemos deixar de reafirmar que estudar o positivo não negligencia o reconhecimento do negativo, apenas o torna no foco onde as luzes das opções temáticas recaem. Sempre se confundem ambas as posições: considera-se que investigar sobre o positivo

é mostra de desinteresse pelo negativo da vida...mas se assim é, poderemos então dizer o mesmo da psicologia *mainstream*: se não estudou tradicionalmente o positivo é porque não se interessa por ele...

Acreditamos que nenhum psicólogo positivo nega a inevitabilidade, ou mesmo a normalidade e vantagem adaptativa do negativo na experiência e acomodação humana, bem como a dialética permanente e dinâmica entre o negativo e o positivo – aquilo que torna possível compreender a experiência humana e a capacidade de transcender o pior. Veja-se o exemplo de processos humanos como a resiliência (UNGAR, 2012) ou o crescimento pós-traumático (VÁZQUEZ, 2013). Ainda assim, são inúmeros os que consideram que a PP corre o risco de ser um apelo superficial, vazio e acrítico ao melhor da vida, distanciando as pessoas da relação saudável entre sombras e luz, ou fazendo-as sentir culpadas se não conseguirem “pensar positivo” (PÉREZ-ÁLVAREZ, 2012; EHRENREICH, 2009).

Há ainda quem considere, com razão, que o positivo não é indiscutivelmente benéfico, e que só um enquadramento histórico e contextual, e específico aos processos em causa, pode determinar ou influenciar a qualidade do impacto de aspetos psicológicos positivos, como por exemplo as emoções positivas (MCNAULTY; FINCHAM, 2012). A própria vivência mundana de virtudes e forças acarreta riscos, pois se levadas ao excesso podem ser perniciosas para o indivíduo ou o contexto (CLIFTON; HARTER, 2003), como pode acontecer com o perdão, a generosidade ou a humildade. Pensemos apenas como exemplo numa pessoa que faça trabalho de voluntariado com crianças com doença oncológica, e que levando ao máximo a sua compaixão e empatia, entra em exaustão emocional.

Percebemos como não é de duvidar que o positivo tenha limites, sejam eles em termos individuais, ou sociais. Por isso o estudo da boa vida (WIRTZ; CHIU; DIENER; OISHI, 2009) e da vida que vale a pena ser vivida (CSIKSENMIHALYI; CSIKSENMIHALYI, 2006) tem que ser feito em tempos de riqueza, tanto quanto em tempos de crise; tem que abarcar os mais afluentes, tanto quanto os mais marginais, pobres e excluídos; tem que compreender e intervir junto dos que têm vidas leves e dos que têm vidas pesadas; mas não pode ser silenciado porque a crise existe, porque há vidas socialmente indignas ou porque há desespero, doença e morte. Perante as mais dramáticas circunstâncias da existência, o positivo tem e deve ter tanta presença como o negativo. Quem supera e transcende os mais dolorosos acontecimentos de vida é por vezes quem dá esperança a outros em situações difíceis. Relembramos, entre uma miríade de exemplos possíveis, Viktor Frankl ou Anne Frank.

Sobre a diversidade cultural, social e histórica

A questão cultural, e o seu peso nos estudos da psicologia positiva, emergiu com ímpeto nos últimos 5 anos, debatendo se a compreensão destes aspetos psicológicos era marcada por componentes universais, num perfil partilhado por múltiplas culturas do mundo, ou se pelo contrario deveria ser entendida como contextual. Uma coleção de livros da Springer editados e coordenados por Antonella Delle Fave, série intitulada *Avanços interculturais em Psicologia Positiva* é um exemplo, entre muitos outros, das novas e pungentes preocupações com enviesamentos culturais, e de um tempo na PP de abertura ao divergente e não apenas ao comum e universalista (DELLE FAVE; BRDAR; FREIRE; VELLA.BRODICK; WISSING, 2011). Estas diferenciações e especificidades têm sido de alguma forma confirmadas em domínios de estudo como as forças e virtudes de carácter ou o próprio conceito subjetivo de felicidade.

O estudo do funcionamento humano óptimo não poderá cegar-nos ao fato de os entendimentos sobre o funcionamento humano, e daquilo que é o bom, ou o positivo, ser geográfica, étnica ou socialmente diverso. Com efeito, a psicologia no geral, e a psicologia positiva em particular, têm cada vez mais sublinhado as óbvias e naturais diferenciações culturais entre diferentes grupos humanos, em detrimento da busca mais normativa e universalista proveniente dos modelos filosóficos (DIENER; HELLIWELL; KAHNEMAN, 2010).

Não deveríamos já duvidar que o contexto de fato faz diferença (BONIWELL, 2012a, 2012b; McNULTY; FINCHAM; 2012; STEGER, 2012; WONG, 2011), e uma visão da vida das pessoas moldada pelo entorno ambiental, social e histórico, deveria ser um dado adquirido (HAYBRON, 2011).

São várias as razões para reconhecermos o poder da cultura na explicação das métricas da felicidade e das diferenças entre grupos e nações (BURNS, 2013; CHIRKOV; RYAN; SHELDON, 2011; DELLE FAVE; MASSIMINI, 2004; DISWAS-DIENER; DIENER, 2001; FORGEARD; JAYAWICKREME; KERN; SELIGMAN, 2011). Para além da indelével complexidade destes sistemas, uma delas é que, de acordo com uma perspectiva de construcionismo social, a própria concepção do que é uma vida que valha a pena ser vivida é moldada pela cultura e pelo sentido partilhado do grupo social em causa (GERGEN; 1991, 2009; GERGEN; GERGEN, 2003). Esta construção de um sentido comum e de uma gramática de vida em comunidade coordenada impõe ou restringe os respetivos entendimentos (DELLE FAVE; BASSI, 2009).

É hoje claro que há sociedades mais felizes que outras, e também que cada sociedade muda ao longo do tempo, e se alteram os seus níveis de felicidade perante mudanças diversas (crises financeiras ou políticas, revoluções que permitam o nascimento da democracia, autonomização após colonialismo, etc. (LOPES; PALMA; ALVES, 2013; UNITED NATIONS REPORT, 2012).

As características das diferentes formas sociais também têm impacto nos níveis de bem-estar dos cidadãos. Por exemplo, numa descrição muito comum, ainda que dualista e, portanto, limitada, as sociedades ou nações caracterizadas como mais individualistas dão mais peso à autoestima como preditor da felicidade (DIENER; LUCAS, 2000; DIENER; SUH, 2009), da mesma forma que a satisfação social é um preditor mais relevante em sociedades ditas coletivistas, como as do sul da Europa ou de África (WISSING; POTGIETER; TEMANE; OOSTHUIZEN; NIENABER, 2008). Esta dicotomia caracterizadora silencia, no entanto, outras complexidades, como dimensões relevantes associadas a indicadores de equidade e justiça social interna, religiosidade, pegada ecológica e aspetos geográficos.

Um dos horizontes de futuro aqui apontados será o da comparabilidade e explicação de alguns destes indicadores e dados, em especial quando imprevisíveis, quando temos perante nós mundos ocidentais e orientais em toda a sua diferenciação, ou paradoxos como os de alguns países da América Latina –maior felicidade do que a esperada tendo em conta macro indicadores que já sabemos influírem na felicidade dos cidadãos, como o PIB, o PIB, a violência social, a corrupção política (BURNS, 2013; DIENER; RYAN, 2009; VEENHOVEN, 2011; UNITED NATIONS REPORT, 2012).

Para além disso, estamos a assumir que as sociedades e nações são todas coesas e com comunicações óbvias. Esquecemos que a maioria das comunidades atuais espalhadas pelo mundo globalizado e desenvolvido são elas mesmas multiculturais, o que nos deve continuar a pressionar para perceber cada vez melhor as especificidades de cada grupo, em vez de assumirmos com leveza que deverá haver homogeneidade e, portanto,

negligenciar ou desvalorizar o contextual (DELLE FAVE *et al.*, 2011; NELSON; PRILLELTENSSKY, 2005).

Ao mesmo nível encontra-se a inevitável atenção nas escolhas empíricas aos processos e dinâmicas, em detrimento das fotografias momentâneas tiradas por muitos dos estudos, que conceptualizam a experiência humana numa lógica de estabilidade. Se o sentido é construído em cada momento, e a realidade muda e se escreve em cada ponto da história, minimizar ou negligenciar as transformações e o dinamismo empobrece os estudos e, em consequência, os resultados alcançados e as conclusões retiradas. Essas mudanças – as coletivas e as individuais, e as suas interfaces – afetam o sentido e peso dado a cada norma, valor, expectativa, emoção, comportamento, função. Esquecê-lo é tornar vulnerável a ciência psicológica em geral, e a positiva em particular.

Sobre o hedonismo e a eudaimonia

De entre as dicotomias e dialéticas mais vincadas na PP, a par da já referida entre o positivo e o negativo, vem emergindo uma outra: a defesa por uma felicidade hedónica (prazer, emoções positivas) ou eudaimónica (sentido, desenvolvimento pessoal, relações interpessoais). Os autores oscilam entre a defesa da complementariedade e a mútua exclusão (BISWAS-DIENER; KASHDAN; KING, 2009; DIENER; RYAN, 2009; KASHDAN; BISWAS-DIENER; KING, 2008; WATERMAN, 1993).

É de salientar, pelo seu interesse, o facto dos investigadores da PP que mais defendem uma perspectiva hedónica da felicidade (DIENER, 2000; VEENHOVEN, 2012a), serem os que mais se têm interessados pelo impacto coletivo da felicidade (ou no caso, do bem-estar subjetivo) e pelas políticas públicas. Veja-se o caso dos atuais índices de avaliação internacional, seja o das Nações Unidas (UNITED NATIONS REPORT, 2012), o da Gallup (2009), ou do *World Happiness Database* (VEENHOVEN, 2012c), influenciados e moldados pelos referidos autores. Todos usam uma avaliação focada numa felicidade que não integra o sentido, o desenvolvimento pessoal, ou os bens relacionais de forma explícita, contrariando o *European Social Survey* (HUPPERT; SO, 2013; HUPPERT; MARKS; VÁZQUEZ; VITERSSO, 2012), ou o *Happy Planet Index* (MARKS; ABDULLAH; SIMMS; THOMPSON, 2006) que já incorporam uma perspectiva de florescimento, muito suportada no modelo de bem-estar psicológico (HUPPERT; SO, 2009; RYFF, 1989; RYFF; KEYES, 1995; RYFF; SINGER, 1998, 2008).

Pelo contrário, e em teoria, deveriam ser os mais dedicados ao lado eudaimónico a se envolverem com as questões mais comunitárias, com o *comunus*, tal como acontece na economia (BRUNI, 2012, *in press*; BRUNI; PORTA, 2007). A eudaimonia é originária no grego “eu daimon”, e considerava inicialmente que só se conseguia atingir se se tivesse ao lado o “bom demónio”, ou a boa fortuna, que era dada pelos deuses. Na filosofia pós-socrática, no entanto, passa a significar a descoberta do verdadeiro Eu e não depende mais de algo externo, como a sorte, passando então a constituir-se como uma responsabilidade pessoal interna. Se nos detivermos nas raízes latina e anglo-saxónica da felicidade (e, portanto, da *happiness*), percebemos a profundidade do impacto destas diferenças, e de como elas poderão modelar o futuro da PP.

As como questões culturais, históricas e linguísticas marcam definitivamente as experiências dos indivíduos. Por exemplo, *Felicitas* significa, etimologicamente, *fe-fecundus*, *fe-mina*, *fe-tus*, *fe-rax*, isto é fecundidade, generatividade, gerar vida, cultivar humanidade ou desenvolver virtudes, a abundância de vida (BRUNI, 2012, *in press*; BRUNI; PORTA, 2007), sendo em contrapartida a infelicidade o sinónimo da

esterilidade. *Happiness*, por sua vez, significa aquilo que acontece, o externo, a fortuna ou sorte, num sentido bem diferente do termo latino. Estudar a felicidade numa ou noutra perspectiva não é por isso indiferente.

Detenhamo-nos para refletir que uma das palavras mais usadas neste momento na PP, título de livros e de artigos científicos oriundos dos EUA seja Florescimento humano. Talvez a adaptação ao modelo latino da felicidade nos deva encaminhar mais para palavras e práticas próximas do Frutificar: às flores está associada a beleza e o efémero; mas é às arborescências que se associa a generatividade. Ao florescer associa-se o sentir; ao frutificar de virtudes associa-se o fazer.

Esta reflexão semântica e sobre gramáticas profundas relaciona-se com o conceito de Felicidade Pública (*Pubblica Felicitas*), descrito por J. J. Rousseau, por Ludovico A. Muratori e por António Genovesi, sobre que considerava a sociedade como um corpo único, e portanto defendia que não se deveria investir na busca individual da felicidade, mas sim numa felicidade comum, coletiva, partilhada: a vivida por cada um seria a felicidade de todos. A ideia do bem comum é aqui central, não sendo a felicidade pública a soma das felicidades individuais, como defende a visão utilitarista de Adam Smith, e os modelos atuais de medição da felicidade/bem-estar subjetivo, mas sim uma operação mais complexa, que se opunha ao privado. Para Genovesi a forma de atingir a felicidade pública era através do cultivo da relacionalidade, ou seja, dos bens relacionais (BRUNI, 2012, *in press*; BRUNI; PORTA, 2007). Ambos os conceitos apontam assim para concepções de sociedade bem diferentes, uma focalizada nos interesses privados e no contrato económico ordinário, outra que só faz sentido ligada ao bem público, às virtudes civis de cidadãos, à fraternidade, genuinidade e sociabilidade.

Sobre a importância das relações sociais: “*Other people matter*”

Uma outra crítica recente à PP alimenta-se na potencial concepção individualista que lhe é atribuído, a qual acaba por arriscar negligenciar, ou minimizar o impacto, do contexto em geral, e das relações em particular. Sheldon (2011) posiciona-se contras estas críticas, referindo que elas são exageradas e pouco conhecedoras da investigação neste domínio, mas em nosso entender estamos em crer que é bem clara na PP uma perspetivação mais intrapsíquica do que relacional das experiências humanas positivas.

Ainda que se considere que as outras pessoas realmente importam (PETERSON, 2013), na realidade pouco se tem feito, com raras exceções (MAISEL; GABLE, 2009; ROFFEY, 2012) pelo estudo das relações interpessoais positivas no seio da PP.

O tema do bem-estar associado aos aspetos relacionais é hoje um tema quente na PP, seja focado nas relações interpessoais íntimas, seja em relações mais grupais (FREDRICKSON; KURTZ, 2011; MCNAULTY; FINCHAM, 2012; ROFFEY, 2012). E se as relações com familiares e amigos tendem a ser os mais fulcrais recursos para a vida com sentido e para a felicidade (DELLE FAVE *et al.*, 2011; HAYBRON, 2011), o grande desafio é como é que este dado pode ajudar a travar o que parece ser o crescente isolamento, e ausência de redes sociais de suporte, das pessoas dos países desenvolvidos (BRUNI, 2012, *in press*). Os estudos atuais oriundos da economia sobre bens relacionais (BRUNI, 2012, *in press*; BRUNI; PORTA, 2007) e as reflexões filosóficas sobre emoções políticas (NUSSBAUM, 2013) são um sopro de esperança que pode facilitar a promoção de novas investigações e práticas dentro da psicologia geral, e da PP em particular. Abordar as relações por um prisma positivo será um dos horizontes mais necessários e apelativos para o futuro da PP, e as poucas publicações

surgidas até ao momento são promissoras, ainda que muito marcadas e enformadas pelos modelos tradicionais dentro da PP (ROFFEY, 2012).

Sobre a separação entre ciência fundamental e aplicada

A aparente separação entre a ciência aplicada e a fundamental tem aqui também uma palavra. É grande a tensão interna na PP associada ao fato de muitos criticarem a rapidez de disseminação dos dados de investigação, levando a aplicações incompletamente testadas, pouco buriladas nas suas especificidades, e rapidamente disponíveis para profissionais no terreno (LAZARUS, 2003). Vive-se o receio da extrapolação descontextualizada do conhecimento científico.

O ritmo de aplicação das conclusões associadas à PP é provavelmente um dos maiores de sempre na história da psicologia. Tal espelha o interesse social e mediático generalizado, associado às temáticas estudadas (sejam as emoções positivas, o *mindfulness*, a gratidão, as virtudes e forças de caráter, a esperança, o pensamento positivo...), mas também aumenta o risco deste subdomínio ser acusado de poder ser pernicioso, superficial e arriscar mudanças não validadas pela experiência científica. Quer através de práticas baseadas na ciência, quer de práticas empiricamente validadas, as vozes são unânimes na necessidade de travar uma evolução excessiva e rápida nas aplicações, sem que a ciência fundamental dê o aval sobre a transposição para a vida.

O lado bom desta tensão é o facto da prática e dos interventores pressionarem os investigadores para implementar e acelerar os estudos na ciência básica, bem como a riqueza de contributos para a vida das pessoas já originada (PARKS, BISWAS-DIENER, 2013; SELIGMAN; STEEN; PARK; PETERSON; 2005); o lado mau é que por falta de evidência científica alargada que suporte as aplicações, a PP se pode transformar numa ciência fragilizada, e ameaçar uma imagem social sólida de rigor e exigência científica, para não referir eventuais ou potenciais riscos – e não benefícios – junto dos que a aplicam, o que coloca questões éticas e deontológicas que precisam ser cuidadas (CSIKSZENTMIHALYI; NAKAMURA, 2011; FREDRICKSON, 2009; STEGER, 2012). Um dos riscos acrescidos é o da criação de falsas expectativas de que pela PP se pode encontrar facilmente a vida com sentido ou prazerosa.

Esta preocupação tem levado a uma progressiva atenção à interface entre estas duas concepções de ciência – a fundamental e a aplicada – e a fortalecimento daquele que parece ser o coração da PP. Deseja-se por isso encontrar formas de assegurar que protegemos os consumidores, e que para tal temos um público conhecedor e informado, que saberá distinguir charlatanice e *new age* não fundamentada da verdadeira ciência aplicada. Perceber cada vez mais, como Sonja Lyubomirsky (2012) tem tentado, o que será que funciona, para quem, em que circunstâncias e através de que mecanismos, e em que outras situações pode não ser nem eficaz nem saudável, será uma meta importante para o próximo futuro.

Sobre as áreas de aplicação

As áreas de aplicação são inúmeras e muito diversificadas, e os programas de intervenção têm-se multiplicado pelo mundo. Não esgotando a lista, há aplicações conhecidas e testadas em áreas como as organizações, a saúde física, a educação, o *coaching*, a psicoterapia, o desenvolvimento e *life span* (por exemplo, no envelhecimento), o lazer, o desporto, a justiça, a deficiência, a arquitetura e o ambiente, o jornalismo, as artes e as políticas públicas.

A diversidade na transposição para os diversos domínios da vida é definitivamente uma das grandes forças da PP enquanto instrumento social, que merece ser aprofundada em todos os seus ângulos.

Um deles é que a sociedade tem dado mostras de que lhe interessa este lado aplicado da promoção da vida de qualidade, e que tem bebido, sequiosa, das ideias e práticas que vão emergindo. Esse sinal deve ser lido pelos acadêmicos, que mais do que rotularem a PP como uma moda passageira e superficial, deverão atender com mais cuidado às necessidades e interesses do público.

Corre-se um risco nestas aplicações, perante o estado atual da ciência psicológica positiva: uma repetição *ad nauseum* das mesmas práticas nos vários contextos, e a apropriação fácil, sem crítica nem conhecimento psicológico aprofundado, de meros tecnicismos. A renovação e a especificidade a cada domínio, população e subcultura, deve guiar cada vez mais as escolhas de quem investiga, em ligação próxima com os aplicadores e as populações envolvidas e a envolver. Só assim asseguramos uma caminhada interventiva rica, rigorosa, expansiva, útil.

Sobre o impacto na mudança social e nas políticas públicas

Um dos reptos interessantes do futuro é o alargamento das visões atuais sobre o que de momento flui dos dados e teorias da PP para a vida pública, em especial em matéria de avaliação, de métricas e de propostas de mudança social.

Uma das ideias atualmente sugeridas, ainda que por uma minoria, é a da inclusão de indicadores e de componentes que vão mais além dos modelos atuais de felicidade (que integra sobretudo indicadores hedónicos) e do bem-estar subjetivo (que inclui componentes de satisfação com a vida, nomeadamente o elemento cognitivo, e componentes emocionais, como emoções positivas e negativas), nomeadamente através de elementos dos modelos da construção do sentido e do bem-estar psicológico.

A eles associamos a incontornável perspectiva da felicidade pública atrás referida, que a nosso ver tem um potencial fecundo para dar forma a novas políticas sociais de transformação. Isso mesmo se poderá ver noutros textos incluídos neste número temático.

Acreditamos numa psicologia transformadora, que se encontre com os limites humanos, mas que saiba perceber como se transcendem. Se a ciência não é uma participante ativa na história do mundo e nas histórias das pessoas, podemos acabar com uma imensidão de dados sobre uma realidade bastarda, sem nela nos imiscuirmos. Mesmo que as verdades da ciência sejam muitas vezes efêmeras ou contextualizadas, devem ainda assim comprometer-se e ajudar a libertar de jugos sociais, económicos e culturais constrangedores e confrangedores, que não elevam as pessoas na sua humanidade. Somos tradutores de experiências humanas; não abduquemos de interferir com o que pode melhorá-las no coletivo.

Psicologia positiva: uma ciência de igualdade, liberdade e fraternidade

Um dos motes mais inequívocos para o futuro da PP será o de acudir a populações mais desfavorecidas, marginalizadas e vulneráveis (BISWAS-DIENER; DIENER, 2001; MARUJO; NETO, 2007, 2008, 2010, 2011a, 2011b;

NETO; MARUJO, 2011; STEGER, 2012), onde a pobreza, a emigração, a exploração económica, o desemprego, os riscos ambientais e outros limites e vícios humanos serão o centro. Usar o positivo para estudar e transformar o mais negativo, e para com ele ajudar a debelar os flagelos sociais – e não apenas a promover as felicidades pessoais – será outra forma de responder às críticas mais duras que vão sendo feitas à PP.

As exigências e riscos associados a estudar o positivo em circunstâncias de vida particularmente negativas implicam, a nosso ver, a utilização de metodologias de trabalho – recolha de dados e intervenção – apreciativas, de forma a minimizar os perigos de avizinhar-se de quem mais sofre através de uma abordagem meramente positiva e descontextualizada. A utilização do Inquérito Apreciativo através da entrevista (BALANCHO, 2013; COOPERRIDER, 2006; MARUJO; NETO, 2011b) é uma forma de colmatar perigos neste domínio tão sensível.

O direito ao positivo, vivido em igualdade com pessoas em qualquer circunstância, poderá aumentar a liberdade de cada pessoa ou sistema, tornando eventualmente mais possível acontecerem experiências fraternas. O regresso ao equilíbrio dos valores da modernidade poderá ser uma das grandiosas contribuições deste subdomínio, se se acoplar ao referido modelo de Economia civil e felicidade pública (BRUNI, 2013). Se sabemos que a corrupção política, a desigualdade económica e de acesso a recursos, a marginalização e exclusão, a ausência de democracia efetiva, a dificuldade da gestão das vidas pessoais e profissionais, a precariedade, a ausência de sentido na área laboral ou na vida em geral... todos contribuem para delapidar a felicidade, temos uma responsabilidade enquanto investigadores e académicos em retomar como horizonte de ação os maculados valores da modernidade. Não se trata de uma visão romântica da ciência ou da vida, mas uma forma bem realista de abordar a vida em sociedade.

De rerum natura: uma nova forma de perceber a natureza das coisas

A PP pode estar a marcar o (re)início de uma história nova nas ciências sociais e humanas. Investigadores cativados pelo aumento do saber sobre o que leva as pessoas a atingir o seu potencial, quais as capacidades para apreciar e perpetrar beleza e bondade, e para potenciar o que dá vida às organizações, comunidades, pessoas e nações, implicará colocar rostos e palavras no bom da vida. Nalguns momentos, nalguns casos, pode revestir-se de uma qualidade de subversão que não se imiscui de se aproximar de temas políticos, um domínio pantanoso do qual os académicos muitas vezes se afastam.

A PP já mostrou estar sobretudo interessada em aumentar a consciência das pessoas sobre as suas próprias circunstâncias, e que prefere fazê-lo: indo ao melhor do passado ou focando em prospecções e imagens desejadas de futuro (SELIGMAN, RAILTON; BAUMEISTER; SRIPADA, 2013); descentralizando geograficamente do tradicional coração do mundo, os USA (DELLE FAVE, 2013); trazendo reflexões sobre a justiça estrutural, e assim vestindo a identidade de uma ciência interventiva, reflexiva, crítica, e por isso encantada pelas dúvidas e pluralidades diversas e não apenas pela busca de certezas ou verdades científicas.

É talvez o momento para alguns passos vitais: a universalização dos estudos com aplicação às franjas sociais, a redução do conservadorismo nas metodologias empíricas e mais ousadia em métodos mais consonantes com o carácter positivo dos tópicos que estuda (BALANCHO, 2013; MARUJO; NETO, 2011B) e o interesse pelo coletivo e pelo histórico (MARUJO; NETO, 2013; NETO; MARUJO, *in press*). Este último não deve apenas dedicar-se a

estudos em larga escala, como o World-Well-Being Project de Seligman e colegas, recolhendo dados de milhões de pessoas nas redes sociais, mas ir também à qualidade e subjetividade da experiência transcultural, onde os sistemas de construção de sentido permitam aprofundar as perspectivas e as práticas. É um olhar integrador da vida em sociedade, mesclando as questões econômicas às ambientais, as políticas às educativas – não parcelar, mas verdadeiramente sistêmico e capaz de capturar as dinâmicas – que o futuro se fará.

Num artigo recente de Antonio Muñoz Molina (MUÑOZ, 2013), o autor refere-se ao mundo dos jardins botânicos, originados em épocas da história humana em que a ciência emergia num misto de emancipação e curiosidade, e a sociedade era especialmente hospitaleira a uma ciência aberta. O autor descreve-os como lugares simultaneamente de investigação e de recreio, parques públicos e laboratórios, espaços de retiro e centros educativos.

Quiçá a PP tenha querido retornar a essa dimensão mais integradora e não tão asséptica da vida e da ciência, onde múltiplos mundos podem co-existir, múltiplas funções se podem cruzar, e o laboratorial e o público, o estudo e o recreio, o rigor e a leveza, a profundidade do conhecimento e a beleza, voltem a conviver.

O estudo do positivo caminhará também numa perspectiva de interconexão, em que cada ideia e a sua aparente antagónica não são necessariamente entes divergentes em oposição binária (a qual tem inerente uma hierarquia de valores), mas são antes entidades interligadas e dialéticas, integradas num sistema dinâmico de interdependências. Assim deverá acontecer com o positivo e o negativo, com o fundamental e o aplicado, com o hedônico e o eudaimônico, com o individual e o comunitário.

Convém estar atento: a dicotomização é paralisadora e as palavras não são justas e podem ser fragmentadoras. Ainda que preservando a diferenciação, cada polo só existe na medida em que o seu contrário persiste, e é na complementaridade, e não na exclusão – a qual escolhe ou um, ou outro – que o processo de conhecimento flui e o crescimento acontece (DERRIDA, 1978; NATHAN; DELLE FAVE, 2013). É dentro desta matriz dialética que acreditamos que a PP se tornará madura e os estudiosos da felicidade se transformarão em felicitadores sociais.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Prof. Dra. Marié Wissing, da North-West University da África do Sul, a inspiração para este artigo.

Sobre o artigo

Recebido: 05/11/2013

Aceito: 14/12/2013

Referências bibliográficas

BALANCHO, M. L. S. F. **Felicidade na pobreza: Um olhar da Psicologia Positiva**. Paraná, Brasil: Juruá Editora, 2013.

BISWAS-DIENER, R. (Org.). **Positive psychology as a mechanism for social change**. New York: Springer, 2010.

BISWAS-DIENER R.; DIENER E. Making the best of a bad situation: satisfaction in the slums of Calcutta. **Social Indicators Research**, 55, p.329-352, 2001.

BISWAS-DIENER, R.; KASHDAN, T.; KING, L. Two traditions of happiness research, not two distinct types of happiness. **Journal of Positive Psychology**, 4, p. 208-211, 2009.

BISWAS-DIENER, R.; LINLEY, P.A.; GIVINDJI, R.; Y WOOLSTON, L. Positive psychology as a force for social change. In: SHELDON, K.M.; KASHDAN, T. B.; STEGER M.F. (Orgs.). **Designing positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2011, p. 410- 419.

BONIWELL, I. **Comunicação pessoal**, Aula no âmbito do Executive Master em Psicologia Positiva Aplicada, EMAPP, ISCSP Universidade de Lisboa, Setembro de 2012a.

BRUNI, L.; PORTA. P. L. **Handbook on the Economics of Happiness**. Northampton, MA: Edward Elgar Publishers, 2007.

BRUNI, L. **Felicitat Publica**. Itália: **Avvenire Home Page**, 2012. <http://www.avvenire.it/Commenti/Pagine/Felicit%20virt%20economica.aspx>. Acesso em: 12 out. 2012.

BRUNI, L. Relational goods: a new tool for an old issue. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade – ECOS**, Número Temático sobre Psicologia Positiva e Felicidade Publica, in press, 2013.

BURNS, G. Gross National Happiness: A case example of a Himalayan Kingdom’s attempt to build a positive nation. In: H. A. MARUJO; L. M. NETO (Orgs.). **Positive Nations and Communities: Collective, Qualitative and Cultural Sensitive Processes in Positive Psychology**. Dordrecht: Springer, 2013, p.173-191.

CHIRKOV, V.; RYAN, R. M.; SHELDON, K. M. (Orgs.). **Personal autonomy in cultural contexts: Global perspectives on the psychology of agency, freedom, and people’s well-being**. Dordrecht: Springer, 2011.

CLIFTON, D.; HARTE, J. K. Investing in strengths. In: CAMERON, K. S.; DUTTON, J. S.; QUINN, R. E. (Orgs.). **Positive organizational scholarship: Foundations of a new discipline**. San Francisco, CA: Berrett-Koehler Publishers, 2003, p. 111-121.

COOPERRIDER, D. Elevating Our Capacity to Appreciate the Appreciable World, In: THACHENKERY, T. **Appreciative Intelligence: Seeing the Mighty Oak in the Acorn**. San Francisco, Ca.: Berrett-Koehler Publishers, 2006, p. IX-XIV.

COOPERRIDER, D. L.; WHITNEY, D. **Appreciative inquiry: A positive revolution in change**. San Francisco, CA: Berrett-Koehler Publishers, Inc, 2005.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology and a Positive World View: New Hope for the future of humankind. In: DONALDSON, S. I.; CSIKSZENTMIHALYI, M.; NAKAMURA, J. (Orgs.). **Applied positive psychology: Improving everyday life, schools, work, health, and society**. New York, NY: Routledge, 2011, p. 117–134.

CSIKSZENTMIHALYI, M.; CSIKSZENTMIHALYI, I. S. (Orgs.). **A life worth living: contributions to positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2006.

CSIKSZENTMIHALYI, M.; NAKAMURA, J. Positive Psychology: Where did it come from, where is it going? In: SHELDON, K.M.; KASHDAN, T. B.; STEGER M.F. (Orgs.). **Designing Positive Psychology**. New York, Oxford University Press, 2011, p 2-9.

DE SHAZER, S. **Putting Difference to Work**. New York, NY: W W Norton & Co Inc, 1991.

DE SHAZER, S. **Words Were Originally Magic**. New York, NY: W W Norton & Company, 1994.

DELLE FAVE, A. Individual development and community empowerment: suggestions from studies on optimal experience. In: HAWORTH, J.; HART, G. (Orgs.). **Well-being: individual, community, and societal perspectives**. London: Palgrave Macmillan, 2007, p. 41-56.

DELLE FAVE, A. **Comunicação Pessoal** no âmbito do Mestrado Executivo em Psicologia Positiva Aplicada, ISCSP, Universidade de Lisboa, Novembro, 2013.

DELLE FAVE, A., BASSI, M. The contribution of diversity to happiness research. **Journal of Positive Psychology**, 4 (3), p. 204-206, 2009.

DELLE FAVE, A.; BRDAR, I.; FREIRE, T.; VELLA-BRODRICK, D.; WISSING, M. The eudaimonic and hedonic components of happiness: Qualitative and quantitative findings. **Social Indicators Research**, 100, p. 158-207, 2011.

DELLE FAVE, A.; MASSIMINI F. The cross-cultural investigation of optimal experience, **Ricerche di Psicologia**, 27, p.79-102, 2004.

DELLE FAVE, A.; MASSIMINI, F.; BASSI, M. **Psychological selection and optimal experience across cultures**. Dordrecht: Springer, 2011.

DERRIDA, J. *Writing and difference*. London/New York: Routledge, 1978.

DIENER, E.; LUCAS, R. E. Explaining differences in societal levels of happiness: Relative standards, need fulfillment, culture, and evaluation theory. **Journal of Happiness Studies**, 1, p. 41-78, 2000.

DIENER, E. Subjective well-being. The science of happiness, and a proposal for national index. **American Psychologist**, 55, p. 34-43, 2000.

DIENER, E.; RYAN, K. Subjective well-being: A general overview. **South African Journal of Psychology**, 39(4), p. 391-406, 2009.

DIENER, E.; SUH, E. M. **Culture and subjective well-being**. Cambridge: A Bradford Book, The MIT Press, 2000.

DIENER, E.; HELLIWELL, J. F.; KAHNEMAN, D. (Orgs.). **International differences in well-being**. New York: Oxford University Press, 2010.

ECHEVERRÍA, R. **Ontología del lenguaje**. Santiago do Chile: Dolmen Ediciones, 1998.

EHRENREICH, B. **Bright-sided: How the relentless promotion of positive thinking has undermined America**. New York: Metropolitan Books, 2009.

FORGEARD, M. J. C.; JAYAWICKREME, E.; KERN, M.; SELIGMAN, M. E. P. Doing the right thing: Measuring wellbeing for public policy. **International Journal of Wellbeing**, 1(1), p. 79-106, 2011.

FREDRICKSON, B.; KURTZ, L. E. Cultivating positive emotions to enhance human flourishing. In: DONALDSON, S.; CSIKSZENTMIHALYI, I. M.; NAKAMURA, J. **Applied Positive Psychology: Improving everyday life, health, schools, work and Society**. New York: Psychology Press, 2011, p. 35-47.

FREDRICKSON, B. L. The broaden-and-build theory of positive emotions. **Philosophical Transactions of the Royal Society of London**, 359(1449), p. 1367-1378, 2004.

FREDRICKSON, B. **Positivity: Groundbreaking Research Reveals How to Embrace the Hidden Strength of Positive Emotions, Overcome Negativity, and Thrive**. New York: Crown Books, 2009.

GALLUP 2012 **Well-Being Index State Rankings**. Disponível em: <http://info.healthways.com/2012wellbeingindex>. Acesso em: 12 nov. 2013.

- GERGEN, K. J. **The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life**. New York, NY: Basic Books, 1991.
- GERGEN, K. **Relational Being: Beyond Self and Community**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- GERGEN, K. J.; GERGEN, M. M. **Social construction: A reader**. Thousands Oaks: SAGE, 2003.
- HART, K.E.; SASSO, T. Mapping the contours of contemporary positive psychology. **Canadian Psychology**, 52 (special issue on Positive Psychology in Canada), p. 82-92, 2011.
- HAYBRON, D. M. **The Pursuit of Unhappiness: The Elusive Psychology of Well-Being**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- HUPPERT, F. A.; SO, T. C. What percentage of people in Europe are flourishing and what characterises them? In: **IX ISQOLS Conference**, 2009, Florence, Italy. Available: At <www.isqols2009.istitutodeglinnocenti.it/Content_en/Huppert.pdf>. Access in: 10 feb. 2009.
- HUPPERT, F. A.; BAYLIS, N.; KEVERNE, B. **The science of well-being**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HUPPERT, F.; MARKS, N.; VÁZQUEZ, C.; Y VITERSSO, J. **Personal and social well-being**, 2012 (European Social Survey-Round 6). Disponível em: http://www.europeansocialsurvey.org/index.php?option=com_content&view=article&id=321&Itemid=388. Acesso em: 12 nov. 2013.
- HUPPERT, F.A; SO, T.T.C. Flourishing across Europe: Application of a new conceptual framework for defining well-being. **Social Indicators Research**, 110, p. 837-861, 2013.
- HUTA, V.; RYAN, R. M. Pursuing pleasure or virtue: The differential and overlapping well-being benefits of hedonic and eudaimonic motives. **Journal of Happiness Studies**, 11, p. 735-762, 2010.
- JOSEPH, S.; LINLEY, P.A. (Orgs.). **Trauma, Recovery and Growth: Positive Psychological Perspectives on Posttraumatic Stress**. New Jersey: Wiley & Sons, 2008.
- KASHDAN, T. B.; BISWAS-DIENER, R.; KING, L. A. Reconsidering happiness: The costs of distinguishing between hedonics and eudaimonia. **Journal of Positive Psychology**, 3, p. 219-233, 2008.
- KING, L. A. Are we there yet? What happened on the way to the demise of positive psychology. In: SHELDON, K.M.; KASHDAN, T. B.; STEGER M.F. (Orgs.). **Designing positive psychology: Tacking stock and moving forward**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 439-446.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- LAZARUS, R. S. Does the Positive Psychology Movement Have Legs?, **Psychological Inquiry**, Vol 14(2), p. 93-109, 2003.
- LINLEY, P. A.; JOSEPH, S.; HARRINGTON, S.; WOOD, A. M. Positive psychology: Past, present, and (possible) future. **Journal of Positive Psychology**, 1, p. 3-16, 2006.
- LOPES, M. P.; PALMA, P. J.; ALVES, T. F. The Revolution of happiness and the happiness in revolutions: The case of the first Portuguese republic. In: MARUJO, H. A.; NETO, L. M. (Orgs.). **Positive Nations and Communities: Collective, Qualitative and Cultural Sensitive Processes in Positive Psychology**. Dordrecht: Springer, 2013, p.193-207.
- LYUBOMIRSKY, S. **Como ser feliz: A receita científica para a felicidade** (Ana Paula Nereu Reis, Trans.). Lisboa, Portugal: Pergaminho, 2012.

- MAISEL N.; GABLE, S. L. The paradox of received social support: The importance of responsiveness. **Psychological Science**, 20, p. 928-932, 2009.
- MARKS, N. Creating national accounts of well-being: A parallel process to GNH. In: URA, K.; PENJORE, D. (Orgs.). **Gross national happiness: Practice and measurement**. Thimphu: Centre for Bhutan Studies, 2009, p. 102-123.
- MARKS, N.; ABDULLAH, S.; SIMMS, A.; THOMPSON, S. **The happy planet index**. 2006. Disponível em: <http://www.happyplanetindex.org/public-data/files/happy-planet-index-first-global.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- MARUJO, H. A.; NETO, L. M. **Álbuns de Família: De viva voz. Manual de Possibilidades para o Futuro**. Ponta Delgada, Açores: Instituto de Acção Social, 2007.
- MARUJO, H. A.; NETO, L. M. Programa VIP: hacia una Psicología Positiva aplicada. In: VÁZQUEZ, C.; HERVÁS, G. (Orgs.), **Psicología Positiva Aplicada**. Bilbao: Desclée de Brower, 2008, p.312-336.
- MARUJO, H. A.; NETO, L. Psicologia Comunitária Positiva: Linguagem transformacional e mudança colectiva. In: LOPES, M. P., PALMA, P. J., RIBEIRO, R. B.; PINA E CUNHA, M. (Orgs.). **Psicologia Aplicada**. Lisboa: Editora RH, p. 363-381, 2011a.
- MARUJO, H. A.; NETO, L. Psicologia Comunitária Positiva: Um exemplo de integração paradigmática com populações de pobreza. **Análise Psicológica**, n. 3, s. XXVIII, p. 517-525, 2010.
- MARUJO, H. A.; NETO, L. Investigação Transformativa e Apreciativa em Psicologia Positiva: um elogio à subjetividade na contemporaneidade. **Revista Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, 1(1), p. 5-21, 2011b.
- MARUJO, H. A.; NETO, L. (Orgs.). **Positive Nations and Communities: Collective, Qualitative and Cultural Sensitive Processes in Positive Psychology**. Dordrecht: Springer, 2013.
- MASLOW, A. **The journals of A. H. Maslow**. Monterey: Brooks/Cole, 1979.
- McNULTY, J.K.; Y FINCHAM, F.D. Beyond positive Psychology? Toward a contextual view of psychological processes and well-being. **American Psychologist**, 67, p. 101-110, 2012.
- MUÑOZ, A, J. M. **Mundos botánicos**. Babelia, Jornal El País, p.3, 23 de Novembro de 2013.
- NATHAN, L. S.; DELLE FAVE, A. The altruism Spiral: An integrated Model for a Harmonious Future. In: MARUJO, H. A.; NETO, L. (Orgs.). **Positive Nations and Communities: Collective, Qualitative and Cultural Sensitive Processes in Positive Psychology**. Dordrecht: Springer, 2013, p. 35-64.
- NELSON, G.; PRILLELTENSSKY, I. **Community Psychology: In pursuit of liberation and well-being**. New York: Palgrave MacMillan, 2005.
- NETO, L. M.; MARUJO, H. A. Positive Community Psychology and Positive Community Development: Research and Intervention as Transformative-Appreciative Actions. In: MARUJO, H. A.; NETO, L. (Orgs.). **Positive Nations and Communities: Collective, Qualitative and Cultural Sensitive Processes in Positive Psychology**. Dordrecht: Springer, 2013, p.209-230.
- NETO, L. M.; MARUJO, H. A. Psicologia Positiva. In: LOPES, M. P.; PALMA, P. J.; BÁRTOLO-RIBEIRO, R.; CUNHA, M. P. (Orgs.). **Psicologia Aplicada**. Lisboa: Editora RH, 2011, p. 431-450.
- NETO, L. M.; MARUJO, H. A. Das consequências psicológicas do Terramoto de 1755 em Lisboa a uma abordagem psico-histórica positiva integradora. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Número Temático sobre Psicologia Positiva e Felicidade Pública, *in press*.
- NETO, L. M.; MARUJO, H. A.; PERLOIRO, M. F. **Educar para o Otimismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

- NUSSBAUM, M. **Political Emotions: Why Love Matters for Justice**. Harvard: Harvard University Press, 2013.
- PARKS, A.C.; BISWAS-DIENER, R. Positive interventions: Past, present and future. In: KASHDAN, T.; CIARROCHI, J. (Orgs.). **Bridging Acceptance and Commitment Therapy and Positive Psychology: A practitioner's guide to unifying framework**. Oakland, CA: New Harbinger, 2013, p. 140-165.
- PAWELSKI, J. O.; MOORES, D. J. **The eudaimonic turn: Well-being in literary studies**. Lanham: Fairleigh Dickinson University Press, 2013.
- PAWELSKI, J.; PRILLELTENSKY, I. That at which all things aim: Wellness, happiness, and the ethics of organizational life. In: GIACALONE, R. (Org.). **Positive Psychology in Business Ethics and Corporate Social Responsibility**. InfoAge Publishers, 2005, p.191-208.
- PÉREZ-ÁLVAREZ, M. La psicología positiva: magia simpática. **Papeles del Psicólogo**, 33(3), p. 183-201, 2012.
- PETERSON, C. **Pursuing the good life: 100 reflections on positive psychology**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- ROFFEY, S. **Positive Relationships: Evidence Based Practice Across the World**. Dordrecht: Springer, 2012.
- RYAN, R. M.; DECI, E. L. On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. **Annual Review of Psychology**, 52, p. 141-166, 2001.
- RYAN, R. M.; HUTA, V. Wellness as healthy functioning or wellness as happiness: the importance of eudaimonic thinking (response to the Kashdan et al. and Waterman discussion). **The Journal of Positive Psychology**, 4, p. 202-204, 2009.
- RYAN, R.; DECI, E. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. **American Psychologist**, 55, p. 68-78, 2000.
- RYFF, C. Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, 57, p. 1069-1081, 1989.
- RYFF, C. D.; KEYES, C. L. M. The structure of psychological well-being revisited. **Journal of Personality and Social Psychology**, 69(4), p. 719-727, 1995.
- RYFF, C. D.; SINGER, B. The contours of positive human health. **Psychological Inquiry**, 9, p. 1-28, 1998.
- RYFF, C. D.; SINGER, B. H. Know thyself and become what you are: A eudaimonic approach to psychological well-being. **Journal of Happiness Studies**, 9, p. 13-39, 2008.
- SELIGMAN, M. E. P. **Florescer**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.
- SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology: An introduction. **American Psychologist**, 55 (1), p. 5-14, 2000.
- SELIGMAN, M. E. P.; STEEN, T. A.; PARK, N.; PETERSON, C. Positive psychology progress: Empirical validation for interventions. **American Psychologist**, 60, p. 410-421, 2005.
- SELIGMAN, M. E. P.; RAILTON, P.; BAUMEISTER, R.F.; SRIPADA, C. Navigating Into the Future or Driven by the Past, **Perspectives on Psychological Science**, vol. 8 (2), p. 119-141, 2013.
- SHELDON, K. M. What's positive about Positive Psychology? Reducing value-bias and enhancing integration within the field. In: SHELDON, K.M.; KASHDAN, T. B.; STEGER M.F. (Orgs.). **Designing positive psychology**. New York, NY: Oxford University Press, 2011, p. 421-428.

SHELDON, K.M.; KASHDAN, T. B.; STEGER M.F. (Orgs.). **Designing positive psychology: Taking stock and moving forward**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SOLANO, A. C. Concepciones teóricas acerca de la psicología positiva. In: SOLANO, A. C. (Org.). **Fundamentos de Psicología Positiva**. Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 17-41.

STEGER, M. F. Experiencing meaning in life: Optimal functioning at the nexus of spirituality, psychopathology, and well-being. In: Wong, P. T. P. (Orgs.). **The human quest for meaning**. New York: Routledge, 2012, p. 165-184.

SUGARMAN, J. Practical rationality and the questionable promise of positive psychology. **Journal of Humanistic Psychology**, 47, p. 175-197, 2007.

TAMIR, M.; GROSS, J. J. Beyond pleasure and pain? Emotion regulation and positive psychology. In: SHELDON, K.M.; KASHDAN, T. B.; STEGER M.F. (Orgs.). **Designing the future of positive psychology: Taking stock and moving forward**. Oxford University Press, 2011, p.89-100.

UNGAR, M. (Org.). **The social ecology of resilience: A handbook**. New York, NY: Springer, 2012.

UNITED NATIONS REPORT, 2012. Disponível em: <http://www.un.org/millenniumgoals/pdf/MDG%20Report%202012.pdf>.

Acesso em: 30 nov. 2013.

VÁZQUEZ, C. Positive Psychology and its enemies: A reply based on scientific evidence. **Papeles del Psicólogo**, 34, p. 3-25, 2013.

VEENHOVEN, R. **The world database of happiness: Tool for ordering the growing pile of research findings**. Paper presented at the 30th international congress of psychology, Cape Town, 2012a, p. 22-27.

VEENHOVEN, R. Cross-national differences in happiness: Cultural measurement bias or effect of culture? **International Journal of Wellbeing**, 2(4), p. 333-353, 2012b.

VEENHOVEN, R. Greater happiness for a greater number: Is that possible? If so, how? In: SHELDON, K.M.; KASHDAN, T. B.; STEGER M.F. (Orgs.). **Designing positive psychology: Tacking stock and moving forward**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 397-409.

VEENHOVEN, R. **World database of happiness: Continuous register of scientific research on subjective appreciation of life**. Erasmus University Rotterdam, Netherlands. <http://worlddatabaseofhappiness.eur.nl>, 2012c.

WATERMAN, A. S. Two conceptions of happiness: contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment, **Journal of Personality and Social Psychology**, 64 (4), p. 678-691, 1993.

WIRTZ D.; CHIU C.; DIENER E.; OISHI S. What Constitutes a Good Life? Cultural Differences in the Role of Positive and Negative Affect in Subjective Well-being, **Journal of personality**, 77(4), p.1168-1195, 2009.

WISSING, M. **Comunicação pessoal**, Aula no âmbito do Executive Master em Psicologia Positiva Aplicada, EMAPP, ISCSP Universidade de Lisboa, Abril de 2013.

WISSING, M. P.; POTGIETER, J P.; TEMANE, Q.M.; OOSTHUIZEN, CM.; NIENABER, A.; VAN ROOY, S.; COMBRINCK, I.; VAN WYK, M.; KRUGER, A. Levels of psychological well-being: Prevalence, concomitants and challenges in theory and practice. In: **4th European Conference on Positive Psychology**, Opatje/ Rijeka, Croatia, 1-4th July, 2008.

WISSING, M. **Positive psychology: Past, present and future**. Paper presented at the 30th International Congress of Psychology, Cape Town, Julho, 2012.

WITHERINGTON, D. C.; MARGETT, T. E. How conceptually unified is the dynamic systems approach to the study of psychological development? **Child Development Perspectives**, 5, p. 286-290, 2011.

WONG, P. T. P. (Orgs.). **The human quest for meaning**. New York: Routledge, 2012.

WONG, P.T.P. Positive psychology 2.0: Towards a balanced interactive model of the good life. **Canadian Psychology/Psychologie Canadienne**, 52, p. 69-81, 2011.